



OS ÚLTIMOS EPISÓDIOS POLÍTICOS OCORRIDOS EM BRASÍLIA NOS LEVAM A UMA REFLEXÃO SOBRE A CIDADE MODERNA, SUA UTOPIA E SEU PROJETO DESENVOLVIMENTISTA.



O ANTROPÓLOGO JAMES HOLSTON NOS ENSINA QUE "(...) BRASÍLIA FOI CONSTRUÍDA COM A INTENÇÃO DE CRIAR UMA NOVA ERA. UMA REINVENÇÃO DE DESENVOLVIMENTO, ONDE A ORGANIZAÇÃO URBANA SERIA CONSIDERADA FATOR DE MUDANÇA".



INFELIZMENTE, A UTOPIA NÃO SE CONCRETIZOU. NEM A CÂMARA DISTRITAL NEM A CIDADE CONSEGUIRAM ATINGIR OS OBJETIVOS MODERNISTAS DE SUAS PREMISAS.



PARA JAMES HOLSTON, AS CONDIÇÕES REAIS DO BRASIL, COM SUAS DESIGUALDADES, SUAS CONTRADIÇÕES E ALIENAÇÕES, SE SOBREPUSERAM À UTOPIA. MIGRANTES EM BUSCA DE VANTAGENS ECONÔMICAS, TRABALHO, SALÁRIOS ALTOS E OPORTUNIDADES TRAZIAM NA BAGAGEM OS VALORES DO VELHO BRASIL OLIGÁRQUICO E DESIGUAL.



**BRASÍLIA REVISITADA** Os últimos episódios políticos ocorridos em Brasília nos levam a uma reflexão sobre a cidade moderna, sua utopia e seu projeto desenvolvimentista. Releio o estudo acadêmico de James Holston, antropólogo americano que escreveu *A Cidade Modernista*. Holston nos ensina que "(...) Brasília foi construída com a intenção de criar uma nova era. Uma reinvenção de desenvolvimento, onde a organização urbana seria considerada fator de mudança". Na visão de James, a concepção da cidade estava amparada em duas premissas: de um lado, a ideia de que o plano para uma nova cidade poderia criar uma nova ordem social. Do outro lado, havia a proposta de que esta nova ordem social poderia promover o desenvolvimento nacional. Esse novo modelo serviria como exemplo de progresso para o restante da nação e os planejadores poderiam promover saltos no processo de desenvolvimento, levando o país a queimar etapas.

**AUTONOMIA E CONFIANÇA** Em recente entrevista à Globo News Painel, o cientista político Ricardo Caldas lembrou que, nos anos oitenta, quando se debateu a autonomia política do Distrito Federal, havia uma grande confiança nas qualidades da nova Câmara Distrital que iria nascer. Acreditava-se que as premissas de modernidade que levaram à construção da nova capital também iriam nortear as bases do novo parlamento e faria nascer uma Câmara sem os vícios das outras capitais. Uma cidade jovem, amparada nos princípios de modernidade, certamente poderia construir uma nova maneira de fazer política.

**PARADOXOS DA CAPITAL** Infelizmente, a utopia não se concretizou. Nem a Câmara Distrital nem a cidade conseguiram atingir os objetivos modernistas de suas premissas. Mais uma vez, o acadêmico James Holston nos ajuda a compreender os paradoxos da Capital da Esperança. Para Holston, as condições reais do Brasil, com suas desigualdades, suas contradições e alienações, se sobrepuseram à utopia. Migrantes em busca de vantagens econômicas, trabalho, salários altos e oportunidades traziam na bagagem os valores do velho Brasil oligárquico e desigual. Pessoas de carne e osso impuseram a Brasília as referências arcaicas do passado, criando uma cidade de fronteira marcada pelo contraste entre o velho Brasil e o plano de criar um novo país.

**INTENÇÕES E PRÁXIS** As práticas do Brasil velho destruíram

as intenções utópicas dos idealizadores de Brasília. A realidade foi mais forte do que o sonho. O que seria uma oportunidade se transformou em oportunismo. Velhas práticas travestidas de modernidade. Velhos discursos maquiados de moderno. Velhos paradigmas paramentados de utopia e sonho. A autonomia política de Brasília nasceu oligárquica, coronelista, fisiológica e clientelista. A ideologia que se instalou no primeiro governo eleito sacramentou a pior espécie de política, o populismo e o clientelismo. Uma prática que contagiou a Câmara Distrital e deu o tom da política do Distrito Federal.

**AMBIGUIDADES** O paradoxo entre o velho e o novo deu margem a um discurso político carregado de ambiguidades. Ao novo coube o papel da idealização, do sonho, da utopia, recheando de esperanças os olhos e os corações incautos. Ao velho coube a práxis, exercida de forma perversa, irresponsável e ilegal. A um passo de celebrar o seu cinquentenário, Brasília assiste à explosão da sua própria contradição. Restaurar a utopia modernista ou sucumbir a tudo que ela quis negar.

**O PLANO ORIGINAL FOI ABANDONADO** A correlação de forças do quadrilátero do DF caminha no sentido do velho Brasil, clientelista, injusto e desigual. A ilegalidade anda a passos largos, invadindo terras e desvirtuando o trânsito. O sistema de saúde preventiva, proposto no plano original, está engavetado. O sistema de ensino em tempo integral, com Escolas Classes e Escolas Parques, também está inoperante. A convivência debaixo dos blocos e nos gramados das Superquadras está ameaçada pela violência. O plano original foi abandonado.

**É TEMPO DE RECOMEÇAR** Está nas nossas mãos fazer com que a utopia se transforme em práxis. A arquitetura modernista, que nos ensinou a ocupar o espaço de forma racional e cooperativa, construindo um núcleo social onde aprendemos a vivenciar relações justas e livres, deve estar mais viva do que nunca. É urgente a necessidade de reencontrarmos o modelo de sociedade sonhado pelos criadores. É fundamental dizer não às forças antiquadas que se apoderaram da nossa história e desonraram a nossa memória. É tempo de recomeçar a construção do sonho modernista e restaurar as bandeiras da nossa legítima cidadania: humana, cooperativa e livre.